

**Bandidos e valentes: percorrendo os caminhos marginais da extensão universitária numa prática pedagógica entre o teatro e o enclausuramento.**

Viviane Becker Narvaes

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO

Professora Assistente – Mestre em Teatro

Professora do Departamento de Ensino de Teatro– UNIRIO

Resumo: O presente trabalho pretende abordar alguns aspectos das práticas pedagógicas desenvolvidas no projeto de extensão Teatro na Prisão, coordenado pela professora Natália Fiche na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Os 13 anos de existência do projeto representam uma primeira conquista, a saber: a permanência de um espaço de construção libertária no seio de uma instituição penal. Aparentemente essa contradição exposta em “liberdade na prisão” não se mostra um aspecto tão significativo, no entanto a perspectiva de busca da cidadania que a perpassa revela dinâmicas de resistência e processos de autoconhecimento que redimensionam, tanto no plano individual como coletivo, a linha tênue que estabelece a cisão entre liberdade e enclausuramento.

Palavras-chave: teatro, enclausuramento, perspectivas libertárias

O presente trabalho pretende refletir sobre experiências vivenciadas no projeto de extensão Teatro na Prisão<sup>1</sup> que surgiu a partir de uma oficina ministrada por Paul Heritage.<sup>2</sup> Os 13 anos do projeto representam a conquista de um espaço de construção libertária<sup>3</sup> no seio de instituições penais. A contradição exposta em liberdade na prisão pode não se mostrar um aspecto tão significativo, mas a perspectiva de busca da cidadania<sup>4</sup> que a perpassa revela dinâmicas de resistência e processos de autoconhecimento que redimensionam, tanto no plano individual como no coletivo, a linha que estabelece a cisão entre liberdade e enclausuramento.

O projeto, atualmente, ocorre na penitenciária Lemos Brito (Bangu 6) e na penitenciária Oscar Stevenson (Benfica), respectivamente prisões masculina e feminina. Duas equipes<sup>5</sup> atuam em cada uma das penitenciárias em um encontro semanal com os

---

1. Projeto de extensão Teatro na prisão: Uma experiência pedagógica em busca do sujeito cidadão da Universidade Federal do Estado do Rio De Janeiro – UNIRIO. Projeto coordenado pela professora Natália Fiche do qual participo como colaboradora. As origens do projeto remontam ao ano de 1997, começando no Complexo Prisional Frei Caneca, na penitenciária Lemos Brito e dois anos depois se estendendo ao Presídio Nelson Hungria.

2. Conforme ROCHA, Maria de Lourdes Naylor. *Teatro na prisão, uma experiência pedagógica In: O Percevejo. Dossiê: Teatro e Pedagogia. Vol.1 número 2. UNIRIO, 2009, p.7: “Iniciado em junho de 1997, contamos com a presença do professor Paul Heritage, da Universidade de Londres, que a convite da Escola de Teatro (Graduação) e do Programa de Pós-Graduação em Teatro realizou uma oficina na penitenciária Lemos Brito(masculina) com docentes, discentes e convidados. Devido aos resultados obtidos, as docentes (...) decidiram pela continuidade do projeto.”*

3. ROCHA, 2009. Aborda em seu artigo o aspecto libertário e socializador do teatro, no entanto aqui estamos nos referindo a construção de um espaço libertário mais relacionado às tradições anárquicas e socialistas de esquerda onde o termo está associado à ideia de rompimento com as hierarquias coercitivas, ou seja, um espaço dentro da prisão que busca outras lógicas estruturantes.

4. Para melhor entendimento desta perspectiva de busca da cidadania, ver: FICHE, Natália Ribeiro. *Teatro na Prisão: trajetórias individuais e perspectivas coletivas. Dissertação de Mestrado em Artes Cênicas, UNIRIO, 2009.*

5. As duas equipes que atuam nos presídios são formadas por 4 pessoas cada, um professor da Universidade e

detentos. As equipes são mais ou menos fixas devido à burocracia das autorizações de entrada de pessoal nas penitenciárias, e para o que o desenvolvimento das atividades tenha um ritmo mais fluido. A carga horária destinada ao projeto conta também com um segundo encontro pré-fixado entre as duas equipes.<sup>6</sup>

No dia-a-dia do projeto, notamos que o percentual de crescimento da população carcerária<sup>7</sup> não é acompanhado por maiores investimentos em infraestrutura necessários para dar conta dos múltiplos aspectos que envolvem um sistema prisional. O quadro atual desse sistema demonstra que temos uma juventude encarcerada que em sua maioria não participa de atividades educacionais, o que evidencia a necessidade de ampliar o espectro de ações que possibilitem o resgate do sentido de cidadania do detento, já que a finalidade do sistema é a reinserção do preso na sociedade ao final de sua pena. Deste modo entendemos que se trata de um terreno fértil para as práticas extensionistas.

Para expor nosso entendimento sobre extensão universitária cabe retomar a reflexão de Pedro Demo sobre a pesquisa,<sup>8</sup> entendendo que esta se dá partindo da análise do tripé de sustentação da universidade: ensino, pesquisa e extensão – indissociáveis. Se em teoria são indissociáveis, na prática aparecem na estrutura universitária separados, o que pode ser observado na administração universitária que designa direções, decanatos ou pró-reitorias distintas para gerirem cada uma destas áreas. O impacto dessa divisão nos saberes e fazeres do professor cria, grosso modo, alguns tipos de professores<sup>9</sup>. Essas tipologias evidentemente são apenas tendências que na realidade não são estanques nem definitivas. De fato, são falsas separações que implicam numa formação deficitária, na qual a pesquisa é para poucos, o ensino é mera reprodução do conhecimento produzido por outros

---

3 alunos. Os professores se alternam nas penitenciárias conforme a natureza do trabalho que se desenvolve e conforme as necessidades dos alunos-docentes.

6. Este encontro, a partir do segundo semestre de 2010, foi configurado como uma disciplina optativa intitulada Teatro e Enclausuramento. Participam dela os bolsistas do projeto e alunos regulares que não atuam nas penitenciárias, mas que tem interesse nesta temática.

7. Segundo dados consolidados até junho de 2010, pelo Departamento Penitenciário Nacional, o Brasil conta com uma população carcerária de 494.237 detentos, dos quais mais de 50% estão na faixa etária dos 18 aos 29 anos. Do cômputo geral de detentos, apenas 44.433 estão envolvidos em atividades educacionais, o que significa menos de 10% da população carcerária. As atividades educacionais consideradas pelo Depen em seu censo se referem apenas à educação formal desde alfabetização até nível superior. Entre 2005 e dezembro de 2009, a população encarcerada aumentou de 361.402 para 473.626, o que representou um crescimento, em quatro anos, de 31,05% e que, de 2009 para o primeiro semestre de 2010 já atingiu uma taxa anual de quase 5%.

8. Conforme DEMO, Pedro. Pesquisa: princípio científico e educativo. SP: Cortez, 1990. Para o autor a decadência das instituições de ensino superior pode ser observada por sua distância da realidade social. Para dar conta deste distanciamento, Demo oferece como uma alternativa possível para “reposicionar a instituição na sociedade” que se construa uma nova visão do que é pesquisar e da função da pesquisa nos processos educacionais. Pesquisar para ele deve ser compreendido como um ato criativo; como processo de intensificação do diálogo com a sociedade; a pesquisa deve ser realizada com responsabilidade, disciplina e compromisso; pensada como um princípio educativo, considerando o histórico produtivo e que deste modo se faça presente na construção de alternativas.

9. a) o professor acadêmico/cientista que pesquisa dominando procedimentos e processos complexos, que possui sofisticação intelectual e que sabe fazer o manejo estatístico; b) o professor que dá aulas, que preenche carga horária nas disciplinas de graduação, que aparece como menos qualificado academicamente, pois é vocacionado para o ensino, não pesquisa nem faz extensão; c) o professor engajado, que é comprometido com a sociedade, mas não possui a sofisticação necessária para pesquisar e atua em projetos de extensão. (*Idem*)

e a extensão é uma ponte fragilizada entre a universidade e a sociedade, quer dizer, serve como um apêndice que acaba por reafirmar que ensino e pesquisa não se comprometem com a realidade, que há uma ruptura entre saber e mudar. Nesse contexto, questões como a da suposta neutralidade científica, como os discursos que se opõem às práticas, como o uso do conhecimento como estratégia de controle e principalmente a alienação da produção acadêmica nos levam a entender a prática extensionista como um território marginal.

No caso do Teatro na prisão, este território marginal está duplamente implicado, pois o detento representa o marginal no sentido estrito: assassinos, sequestradores, ladrões, estupradores, traficantes, corruptos. Qual o objetivo de ensinar teatro para estes sujeitos? A linguagem teatral, por meio da experiência estética<sup>10</sup>, permite a ressignificação de si e do mundo. Ao se colocar no centro da prática teatral o sujeito que está na periferia de processos sócio-históricos complexos redimensiona-se o ser e o estar no mundo, permitindo uma vivência de protagonismos no âmbito de um grupo. A experiência vivida pelos grupos num espaço novo dentro de um lugar conhecido também contribui para esse resgatar de si mesmo.

Na conceituação de Eric Hobsbawn para banditismo social, o autor resgata a palavra bandido etimologicamente e explica que a origem remete a banidos, define que o bandido social é aquele que tem uma aura heroica, pois se insurge contra a ideologia dominante. Ao trazer esta ideia queremos extrair dela principalmente o movimento de resistência aí implicado. Ao fazer a opção por atuarmos na prisão, resistimos; ao optarem pelas aulas de teatro, os presos resistem, rompem com a clausura do cárcere e se expõem para além das personas que a prisão e a sociedade os obrigam<sup>11</sup>. Valente<sup>12</sup> é sinônimo de resistente e é definido também como aquele que ajuda onde há perigo.<sup>13</sup> Bandidos e valentes, no caso do Teatro na prisão, referem-se a todos os sujeitos envolvidos no processo, porque as posições

10. Sobre a potência transformadora da experiência estética, ver VIGANÓ, Suzana Schmidt. As Regras do Jogo: a ação cultural em teatro e o ideal democrático. São Paulo: Hucitec, 2006. p.23-31

11. Cabe aqui relatar o ocorrido em um jogo de manipulação de objetos na Oscar Stevenson. A aluna detenta C.B., de olhos fechados, recebe um objeto nas mãos e ao manipulá-lo descobre que é um batom. Pergunta se podem usar os objetos e, ao ser informada que sim, ela passa o batom no lábio inferior e rapidamente retira o batom da boca com a outra mão exclamando: "Ih! Eu sou macho! Virei veado, virei mona passando batom". A máscara de homem na prisão caiu por alguns segundos, esse mascaramento nos parece estar voltado a uma estratégia de sobrevivência, pois quase todas as nossas alunas que se definem como homens têm marido e filhos do lado de fora.

12. Conforme dicionário Aurélio o significado do verbete valente é: *adj.* Que tem valor e coragem; bravo, corajoso, valoroso, intrépido, decidido, denodado, arrojado, destemido, resoluto, ousado, intemorato: valente líder político. / Que tem valia; forte, vigoroso, alentado, robusto, rijo, sólido, resistente: tenho dois braços valentes para me defender. / Enérgico, eficaz: remédio valente. / &151; *s.m.* e *s.f.* Indivíduo de valor, de coragem: o valente acode onde há perigo.

13. Para explicitar a natureza de valentia a que estamos nos referindo, relato aqui um fato ocorrido há cerca de um ano e meio atrás. Um aluno-detento, ao término da aula, sai da sala carregando um pedaço de madeira mais ou menos do tamanho de um bastão. Um aluno-docente vai até ele e já no corredor que leva às galerias, portanto à vista dos agentes penitenciários, diz imperativamente que ele não pode levar a madeira para a cela. O aluno-detento ameaça, mas devolve o objeto. Na semana seguinte, o aluno-detento revela: "Eu quis te matar naquela hora, você fez papel de polícia." A valentia neste caso não foi do aluno-docente, mas do preso, que rompeu com a regra da prisão em que não se faz ameaças que não serão cumpridas, sob pena de desmoralização.

que ocupamos são transitórias e ambíguas no ambiente da prisão.

No tocante aos aspectos metodológicos, duas são as vias de trabalho: por um lado a formação dos alunos do curso de graduação em Teatro na modalidade licenciatura<sup>14</sup>, por outro a introdução da linguagem teatral aos presos. Do ponto de vista da formação dos alunos-docentes, a experiência de atuação num espaço não formal de ensino pode ser aproveitada como experiência de estágio supervisionado conforme o projeto político pedagógico do curso. A especificidade do Teatro na Prisão está no desafio de aprender em risco, de atuar como aluno-docente em condições adversas que estão aliadas a desenvolver uma prática pedagógica sob vigilância, com pessoas que têm trajetórias de comportamentos desviantes, e em lidar com questões administrativas próprias das penitenciárias<sup>15</sup>. Há também que se considerar as próprias medidas de segurança típicas do local. Sendo assim a opção é por mergulhar na ideia de uma educação para transformação que alia saber e mudar, uma educação pensada sob o viés da educação popular influenciada pela proposta freireana. Não se trata de uma metodologia de educação popular, mas sim de uma atitude dos educadores na relação com os educandos, em certa medida uma atitude socrática cujo fundamento está na ruptura com a tradição, olhando para o oprimido como sujeito de sua libertação, ou seja, a educação sendo um ato político e síntese entre teoria e prática, tendo como eixo norteador o conhecimento como um processo que envolve afetividade e consciência de si.

As metodologias aplicadas para a introdução da linguagem teatral aos alunos-detentos seguem caminhos um pouco distintos no trabalho com as mulheres e com os homens. Com as mulheres a opção é pelo trabalho com o pensamento de Augusto Boal. O processo de planejamento das aulas começa na disciplina optativa, com a participação de todos os alunos<sup>16</sup>. Na chegada à sala de aula ocorre o momento da troca de experiências entre as duas equipes, sobre a aula ministrada na prisão. Esta etapa se dá informalmente enquanto se preparam para o início das atividades. Quando todos estão prontos dividimos a turma em dois grupos e começa a avaliação da última aula aplicada na prisão e o planejamento da próxima. Nesse momento são identificados os problemas encontrados e se estabelece o objetivo da próxima aula. Definido o objetivo, a aula é preparada seguindo uma estrutura padronizada simples: aquecimento; jogos; avaliação.

A equipe que atua no feminino precisa sempre que o momento do aquecimento seja um momento de acolhida, pois a penitenciária Oscar Stevenson é, no jargão das detentas,

---

14. Doravante chamaremos os alunos do curso de licenciatura de alunos-docentes e os presos de alunos-detentos. A opção por esta nomenclatura é meramente organizacional não gerando nenhuma conceituação específica. Em outras experiências pedagógicas nas penitenciárias os detentos são chamados reeducandos.

15. Este último condicional se refere à impossibilidade de que os alunos-detentos estejam presentes em todas os encontros, pois a frequência está ligada ao bom comportamento.

16. Acreditamos que este momento do planejamento prepara e envolve os interessados em atuar nas prisões e igualmente contribui para que sejam inclusas visões mais arejadas no processo de trabalho.

“o último cadeado”<sup>17</sup>. Chegando e saindo novas alunas-detentas, apenas um número bem pequeno permanece. As detentas que ali permanecem precisam também de acolhida, pois ao nos informarem que alguém saiu ou foi para o regime semiaberto se deparam com a sua própria condição. Na Lemos Brito, cujos presos têm uma longa condenação, pois abriga condenados por crimes hediondos, o grupo que participa das aulas é mais constante, a variação numérica se dá porque o diretor da penitenciária e os agentes usam a aula de teatro como moeda de negociação, só sai da galeria para o teatro quem se comporta bem<sup>18</sup>. Com as mulheres, na Oscar Stevenson o acolhimento começa em roda quase sempre com a expressão da aluna-docente M. “vamos tirar a cama do corpo, tirar a cadeia do corpo...”. E, na Lemos Brito, onde os corpos são mais exercitados, mas não menos deprimidos, forma-se uma roda de mãos dadas, e um “bom dia”<sup>19</sup>, que muito maquinalmente é repetido sempre que se cruza com alguém nos corredores e galerias, ganha novos significados no círculo das aulas de teatro.

Os jogos aplicados no feminino são construídos a partir do discurso das presas, utilizando princípios do Teatro do Oprimido. A sistemática do trabalho é descontínua e outro aspecto de destaque é que o espaço em que ocorrem as aulas é o pátio de visitas interno, o qual é uma área de circulação de pessoas, portanto não há possibilidade de um trabalho mais concentrado. A aula de teatro se torna também um meio de encontrar com pessoas que podem resolver os problemas das alunas-detentas quanto a serviço médico, encontro com a chefe de segurança e etc. No masculino, as aulas ocorrem num espaço que abrigava a biblioteca<sup>20</sup> e que serve também para realização de cultos religiosos. Neste espaço diferenciado e com uma turma mais assídua, optamos por trabalhar com procedimentos baseados nos indutores de jogos de Jean Pierre Ryngaert.

O momento da avaliação feita pelos alunos-detentos ocorre sempre ao final da aula, seja por conversas, seja por aplicação de dinâmicas lúdicas. Após a primeira hora da disciplina optativa dedicada ao planejamento e avaliação das aulas, passamos ao momento de investigação e treinamento voltados para atuação pedagógica em espaços de enclausuramento. Realizamos leituras, criamos e experimentamos jogos e avaliamos as possibilidades de transposição para as penitenciárias. Atuamos todos como jogadores, tanto

---

17. Elas estão ali aguardando a mudança do regime prisional fechado para semiaberto, a condicional ou mesmo a liberdade.

18. Alguns outros aspectos interferem na assiduidade dos detentos, as doenças, a depressão, a punição de isolamento, o consumo de drogas e mais raramente a falta da roupa adequada para sair da galeria ou da cela, camisetas brancas e calça no masculino e apenas camiseta branca no feminino.

19. Desde a entrada até o encontro com os alunos-detentos durante as manhãs, todas as pessoas que se encontram desde a portaria até o espaço onde ocorre a aula de teatro, se cumprimentam dizendo “Bom dia”. Há um clima de polidez e cortesia que não podemos afirmar que seja de todo artificial. Pois se por um lado exprime uma subserviência de quem é obrigado a ser educado, por outro demonstra também uma vontade de humanizar o espaço.

20. Há pouco mais de 20 dias começamos uma parceria com a professora Maura Esandola Tavares Quinhões, da Escola de Biblioteconomia da UNIRIO, que iniciou um processo de revitalização da biblioteca da Lemos Brito.

na sala de aula como nas penitenciárias. Essa opção de jogar juntos propicia uma dupla vivência pedagógica que coloca professores, alunos-docentes e alunos-detentos em posição estratégica para pensar e repensar as práticas pedagógicas de modo aberto e como construção coletiva.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, Theodor W. *Palavras e Sinais: Modelos Críticos 2*. Trad. M.H. Ruschel. Petrópolis: Vozes, 1995.

ADORNO, T. W. *Educação e emancipação*. São Paulo: Paz e Terra, 1995.

BOAL, Augusto. *A estética do oprimido*. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

DEMO, Pedro. *Pesquisa: princípio científico e educativo*. São Paulo: Cortez, 2000.

FICHE, Natália Ribeiro. *Teatro na Prisão: trajetórias individuais e perspectivas coletivas*. Dissertação de Mestrado em Artes Cênicas, UNIRIO, 2009.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir*. Tradução de Raquel Ramalhe. 29.ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2004.

GIROUX, Henry. *Escola crítica e política cultural*. 2.ed. São Paulo: Cortez Autores Associados, 1987.

HOBSBAWM, Eric. *Bandidos*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1975.

JOCENIR. *Diário de um Detento*. 2ª ed. São Paulo, Labortexto Editorial, 2001.

NOGUEIRA, Adriano. *Que fazer: teoria e prática em educação popular*. Petrópolis: Vozes, 1989 (4ª ed. 1993).

RYNGAERT, Jean-Pierre. *Jogar, Representar*. São Paulo: Cosac & Naify, 2009.

ROCHA, Maria de Lourdes Naylor. *Teatro na prisão, uma experiência pedagógica*. In: O Percevejo. Dossiê: TEATRO E PEDAGOGIA Vol.1 número 2. UNIRIO, 2009. Disponível em <http://www.seer.unirio.br/index.php/opercevejoonline> acessado em 10/10/2010.

ROCHA, Maria de Lourdes Naylor. *Teatro na prisão: a dramaturgia da prisão em cena*. 2006. Tese de Doutorado em Artes Cênicas.

VIGANÓ, Suzana Schmidt. *As Regras do Jogo: a ação cultural em teatro e o ideal democrático*. São Paulo: Hucitec, 2006.